

Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo

Coutinho, Luciana Gageiro. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009. 255 p.

Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreira

*Velho, Gilberto; Duarte, Luiz Fernando Dias (Org.). Rio de Janeiro:
7 Letras, 2010. 202 p.*

Denise Cabral de Oliveira*

Leva-se muito tempo para ser jovem.

Pablo Picasso

Recuperação da adolescência
é sempre mais difícil
ancorar um navio no espaço.

Ana Cristina César (*apud* Maria Rita Kehl)

(...) Que força macabra/ misturou pedaços / de criança e ho-
mem para me criar?/ Se quereis salvar-me/ desta anatomia,/
batizai-me depressa/ com as inefáveis/ as assustadoras águas do
mundo.

Canção do adolescente, José Paulo Paes

Livros que se complementam? Sim, se tivermos a visão de que a psicaná-
lise é um dos olhares possíveis sobre a subjetividade, em seu enquadre clínico,
em sua teoria metapsicológica e em sua interlocução e apreensão de outros

* Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ, Psicóloga do Tribunal de Justiça/RJ.

saberes. Sim, se adicionarmos a noção de adolescência ao conceito cronológico mais extenso de juventude. Assim como, sobretudo, a visão da importância crucial da Antropologia Social e suas formulações sobre a subjetividade para a psicanálise, em todos os momentos, mesmo que as leiamos como leigos em sua disciplina.

Em ambos os livros, adolescência e juventude são tomados como conceitos construídos historicamente e culturalmente. Como nos diz a autora do primeiro artigo de *Juventude contemporânea*, Vanessa A. Pereira, “é nas sociedades modernas modernas-contemporâneas que a juventude aparece como ‘período destacado’, tendo maior “visibilidade social” no século XX, no período do pós-guerra.” (p. 12) E Luciana Gageiro inicia sua pesquisa com a descrição do surgimento do conceito de adolescência ao longo da história, relacionando-o em seguida ao individualismo moderno e ao que ela formula como “errância contemporânea”.

Em primeiro lugar, ambos os livros são produtos de pesquisas acadêmicas rigorosas e de implicação pessoal dos autores: no primeiro, a pesquisa e a clínica psicanalítica; no segundo, a observação participante dos antropólogos. O primeiro, de Luciana Gageiro Coutinho, esforço individual de sua tese de doutoramento em Psicologia Clínica (PUC-Rio). O segundo, uma coletânea de artigos de vários pós-graduados em Antropologia Social (também relacionados a suas dissertações e teses), ligados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, sob orientação dos organizadores.

Luciana Gageiro fornece um panorama amplo da questão da adolescência em nossa época, a partir de um enfoque histórico, das ciências sociais e da psicanálise. É marcante, em seu livro, sua coragem e sucesso em passar por várias disciplinas, com profundidade, para dar conta de seu tema. Ela se serve destas como ferramentas, que a ajudam a construir e questionar seu objeto, e não apenas como ornamentos ou meios de corroboração. A psicanálise é um olhar condutor, mas a história, antropologia, sociologia, filosofia mostram-se fundamentais para entender este conceito, que é eminentemente histórico, mas também representa a precipitação social de transformações biológicas (amadurecimento mental, intensificação de mudanças corporais culturalmente significativas) importantes no desenvolvimento do ser humano, em termos culturais. Em linguagem sempre muito agradável e extraordinariamente clara, a autora percorre, em primeiro lugar, a construção social da adolescência, como “conceito inventado pela cultura ocidental no final do século XIX”. Baseando-se – como, em geral, em todo o livro, uma vez que a autora fez parte de

sua pesquisa na Universidade de Paris 7 – em bibliografia francesa, Luciana traça breve, mas esclarecedor perfil histórico das definições de adolescência, a partir de relatos históricos e antropológicos, para chegar ao século XX, em que se estabelece a idealização da “eterna adolescência” no imaginário social do Ocidente. Em seguida, a autora embrenha-se na pesquisa do desenvolvimento do individualismo, com, mais uma vez, exposição sucinta mas extremamente esclarecedora das contribuições seminais de Dumont e Simmel, em que o primeiro “nos serve sobretudo para destacar os componentes religiosos e políticos que coincidiram com a emergência do projeto iluminista do indivíduo enquanto ser abstrato e universal em 1789” (p. 59-60) e o segundo por sua “referência à dimensão subjetiva singular do indivíduo (individualismo de *uniqueness*), possibilitando pensar o próprio nascimento da psicanálise e a constituição do sujeito do desejo marcado pela singularidade na cultura individualista” (p. 60). Surgem, então, os contextos em que nascem os conceitos de “individualismo libertário” e “individualismo errante”, que Luciana já desenvolvera como hipótese em artigo de 2004 (com Claudia Garcia) e que servirá como conceito chave de sua análise do laço social contemporâneo. A adolescência é, para ela, o “sintoma social” contemporâneo, uma vez que ele põe em evidência a questão contemporânea dos sujeitos, que seria a questão dos ideais. E a errância – diferentemente das condutas de risco solitárias e das marcações corporais (nem sempre tão isoladas) – é o conceito que delinea a tese de Luciana: “Ora, não estariam essas *culturas de passagem* [os agrupamentos adolescentes em verdadeiros microcosmos sociais], sustentadas pelas diversas tribos adolescentes, ocupando em nossa sociedade um lugar semelhante ao que os rituais de inscrição ocupavam para os jovens nas sociedades tradicionais? Não seriam esses grupos uma resposta – não necessariamente sintomática – ao hiper-individualismo contemporâneo, ou seja, espaços nos quais os sujeitos buscam reconhecer-se uns aos outros e assim tentar transcender a errância subjetiva em que se encontram, ao fixarem um lugar para si diante do Outro na cultura?” (p. 226) Luciana responde sim a esses questionamentos, observando ainda que a sociedade contemporânea, além de enaltecer a adolescência, “muitas vezes eleva as ‘culturas adolescentes’ ao estatuto de verdadeiros ideais culturais, de modo que os ideais veiculados por essas tribos podem vir a alcançar um destaque imprevisível no macrocosmo social.” (p. 230) Esse é, para a autora, o lugar paradoxal ocupado pela adolescência em nossos dias.

Para chegar a esta conclusão, Luciana atravessa a teoria psicanalítica em suas construções sobre a adolescência e a função dos grupos no processo adolescente, baseando-se em Freud e seguindo a tradição francesa, com uma breve

referência a Winnicott. Mas o cerne de seus argumentos provém da análise das “figuras do laço social em psicanálise: a horda, o clã totêmico e o grupo fraternal”, que ela analisa também com ênfase na literatura psicanalítica francesa, que dá centralidade às formulações freudianas em *Totem e tabu* como fonte dos conceitos em torno da formação dos ideais. A figura do grupo fraternal (explorada através de autores como Porte, André, Kehl, Lacan) “caracteriza um laço social sustentado por um ideal do eu comum a seus membros, que promove identificações entre eles e, assim, perpetua determinados valores sociais instituídos.”(p.186) Este laço configura, segundo os autores utilizados, o alcance de modalidades identificatórias relacionadas aos vínculos objetivos, representando “um objeto transicional na elaboração do narcisismo articulado ao Édipo” (p. 192). Assim, os diferentes modos de organização coletiva são interdependentes e promovem “a recriação constante dos ideais que, por sua vez, promovem uma certa coesão social” (p. 193). As “fratrias” são, na interpretação da autora, elementos do corpo e do vigor de toda a sociedade e, como tais, as “tribos adolescentes” expressam uma fonte dos ideais do eu compartilhados.

A tese de Luciana é, então, que “se o tribalismo [conceito que lhe serve à caracterização do agrupamento adolescente contemporâneo] remete a uma instabilidade do laço social, bem como a uma situação de errância subjetiva, isso não significa necessariamente o retorno da horda e da barbárie, mas pode apontar, pelo contrário, para novas tentativas de organização social através de uma reinstauração dos ideais sociais, no que, como vimos, a idealização tem inegavelmente, uma participação fundamental. Portanto, supomos que essas tribos podem representar um movimento de reafirmação do laço social. (...) Talvez isso [se o momento de ilusão necessário nesse processo vai se transformar em sintoma ou ter um destino de elaboração e engajamento no laço social] dependa, por um lado, de cada sujeito e da maneira como se apropria do laço social, mas também dos destinos que cada tribo ganhará em sua relação com a sociedade ao seu redor.” (p. 218) Assim, “o individual e o social coincidem, de modo que podemos conceber o adolescente enquanto o sujeito contemporâneo por excelência, que, transicionalmente, se constitui e constitui o mundo em que vive” (p. 243)

A psicanálise, então, na ótica de Luciana, seguindo o modelo freudiano, tem conceitos para articular indivíduo e dinâmica social.

A abordagem antropológica de *Juventude contemporânea: cultura, gostos e carreiras* volta-nos para conceitos e enfoques diversos dos de nosso campo. Aí, a teoria da cultura é construída permanentemente, a partir da dinâmica social da sociedade brasileira e de outras, em constante esforço de comparação e de

análise da dimensão do fenômeno como local ou como mundial. Como nos dizem os organizadores na Apresentação, “a diversidade dos objetos de investigação, expressa por estilos de vida, visões de mundo e, em geral, modalidades de representação e construção social da realidade, leva-nos, em vários contextos, a falar em juventudes.”

O livro é composto de onze estudos de casos, com observação participante, articulando teoria e experiência. Os objetos de estudo são a *lanhouse*, os emo, os *otakus*, o *graffiti*, os jovens pentecostais, as representações do que é ser “novo” nas camadas populares, e de um projeto social para jovens numa favela, a escolha de nomes de atores jovens, as relações amorosas entre adolescentes do asfalto e da favela, as representações da dinâmica etária numa festa religiosa italiana e as vivências de jovens com HIV/AIDS. Ou seja, localizações variadas da articulação de jovens e de adolescentes.

Em todos os artigos, há um rompimento da aparência e um mergulho na auto-representação e no sentido da experiência dos sujeitos. Nas notas sobre representações da juventude entre as camadas populares, estudo de Sandra Regina S. Costa, por exemplo, vemos a contraposição da noção dominante (hegemônica) que vincula um “gosto” por determinada música a um determinado tipo de sociabilidade ou que relaciona o pertencimento às camadas populares à efetivação de práticas criminosas e/ou desviantes. Nas representações do próprio grupo, mesmo que não unívocas, essas relações são inexistentes, na forma genérica dominante, uma vez que correspondem a vivências sócio-culturais muito mais complexas e singulares. Da mesma forma, Liane Maria B. da Silveira analisa escolhas amorosas e sociais feitas por jovens de camadas sócias distintas (meninas da classe média que se dirigem a jovens da favela) constatando que a imagem desviante e vitimizada construída de fora (principalmente pela mídia) não corresponde à vivência de novas experiências ou ultrapassagem de limites das jovens estudadas, revelando que elas “efetuaram escolhas no interior do campo de possibilidades em que se movem” (p. 150). Lição importante para nós, psicanalistas, que podemos, muitas vezes, cair no engodo da generalização superficial de situações inéditas e que apontam para instabilidades transformadoras ou, pelo menos, que são denunciadoras de mudanças subjetivas e sociais.

O relato antropológico é, em si, fascinante. Todos os onze autores escrevem seus textos à maneira de relatos com envolvimento, de um lado, e, de outro, com constantes referências teóricas, em torno das questões relativas à cultura estudadas na Antropologia Social e Urbana (individualismo, projeto individual, *ethos*, identidade, campos de significado, etc.). Como nos dizem os

organizadores, “todos esses trabalhos, portanto, vinculam-se, de diversos modos, à temática central do individualismo em suas múltiplas dimensões e tensões com valores relacionais, holistas-hierarquizantes”. Dimensões e tensões presentes também, como vimos, no texto de Luciana Gageiro, que trabalhou em torno da centralidade da inserção sócio-cultural do adolescente em sua formação psíquica, concluindo pela “errância” como traço constituinte na contemporaneidade.

Os organizadores de *Juventude contemporânea* nos expõem a obra: “As subjetividades, como tema, por sua vez, são referências fundamentais em todo o livro. Diversos autores lidam com a questão da interioridade. Cultura subjetiva, self, sujeito, eu, ego, mente, espírito, etc. aparecem na sua relação com processos de interação, de construção da pessoa, de *Bildung*, de autoanálise, de agência, de elaboração de projetos e ação social. Assim, carreiras e gostos de indivíduos e conjuntos de indivíduos são focalizados pelo prisma da cultura e de esferas sociais mais amplas, com sua heterogeneidade, ambiguidade e contradições.”

De forma geral, temos, nesta coletânea, contribuição a nosso conhecimento da sociedade brasileira, no que diz respeito a estratos jovens, que são determinados pela cultura de sua origem e pela que encontram na sociedade mais ampla, de forma hegemônica ou não. Essa determinação é complexa, transformadora e criativa, como vemos nos estudos de casos, que desconstruem esquemas apriorísticos de pensamento. As *lan-houses*, por exemplo, são desvendadas por Vanessa A. Pereira como espaços de aprendizagem e de ampliação da ação social de seus frequentadores, a partir do saber informacional que propiciam, num ambiente de socialização. Em sua participação interessadamente envolvida no Orkontro (reunião de jovens, em sua maioria “emos”), Raphael Bispo trabalha o conceito foucaultiano de “heterotopia” (que pode iluminar o conceito de “errância” de Luciana Gageiro). “As ‘heterotopias’”, nos diz ele, “são lugares concretos, efetivos, que destoam do ordinário, quando posicionadas em contraposição a ele, e nos quais ‘todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis’[Foucault]” (p. 41). O encontro emo, visto como uma heterotopia, revela uma reformulação e reversão de um espaço, “a partir da ação de seus agentes”, produzindo “efeitos os mais variados, tanto de choque quanto de resistência” (*idem*).

Cada um dos outros estudos não mencionados aqui (cujos temas estão descritos acima) tem o mesmo interesse, para nós, de desconstruir visões

apriorísticas e esquemáticas e penetrar na dinâmica social da subjetividade, a partir dos conceitos antropológicos e os desenvolvendo. Sua leitura traz “oxigenação” a uma visão dos sujeitos por demais centrada em sua dinâmica intrapsíquica, vista como autônoma das circunstâncias sociais presentes a cada momento, em cada grupo de pertencimento. Para nós, a Antropologia Social é vital. Sem ela, podemos sucumbir na estreiteza e na ignorância de “quatro paredes” ou de bibliotecas sem história e vida social concreta. Com ela, incluímos o ego diante do outro, e de todos, a partir de seus estudiosos acadêmicos e empíricos. Esforço de vitalidade e de criatividade, tão bem sucedido por Luciana Gageiro Coutinho, dentro de suas referências teóricas e clínicas.